

## OS CÍRCULOS DE LEITURA NA INICIAÇÃO À DOCÊNCIA: UMA EXPERIÊNCIA COM O PIBID

Carla Luzia Carneiro Borges<sup>1</sup>

Sônia Moreira Coutinho<sup>2</sup>

Cada vez mais há mais necessidade de se ampliarem as práticas com textos diversos no ensino-aprendizagem de língua portuguesa, de modo a possibilitar o acesso aos bens culturais cotidianos em circulação na sociedade, bem como possibilitar a leitura em rede pelos sujeitos em constituição. Essa leitura em rede acusa uma abordagem dialógica do texto, numa perspectiva bakhtiniana, a partir da qual a linguagem produzida pelos sujeitos está vinculada a esferas específicas de comunicação e às ideologias presentes nessas esferas. Desse modo, partimos de um eixo temático: Quem sou eu, quem é o outro no mundo e quais as minhas práticas com leitura? A ideia foi problematizar a relação eu/outro/leitura nas diversas esferas, inclusive no espaço virtual, no qual os sujeitos buscam o outro de diversas formas e a partir da produção de diversos gêneros discursivos. Realizamos círculos de leitura com alunos dos cursos de licenciatura da Universidade Estadual de Feira de Santana, que atuam no PIBID (Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência), considerando a multiplicidade cultural e semiótica dos textos em circulação na sociedade, os quais adentram a escola e muitas vezes não são tratados na perspectiva dos multiletramentos (ROJO, 2012), ficando limitados a uma diversidade textual desprovida de uma análise crítica de seu impacto nos contextos de produção de conhecimento na sociedade atual. O estudo tem como objetivo apresentar a realização de círculos de leitura, problematizando o uso dessa metodologia que proporciona um espaço dialógico no qual os sujeitos têm a oportunidade/possibilidade de estabelecer relações de suas experiências leitoras a partir dos gêneros textuais (ou textos) trabalhados.

Toma-se como fundamento a perspectiva sócio-histórica da linguagem, bem como a noção de gêneros do discurso (BAKHTIN, 1992), considerando sua natureza dialógica. Os círculos de leitura são vistos como lugar no qual os sujeitos (alunos bolsistas do PIBID) se posicionam, a partir de práticas sociais de linguagem (STREET, 1984), evidenciando como abordagem de extrema importância para professores em formação, uma vez que traz contribuições para a constituição de leitores no contexto acadêmico. Assim, pensar a universidade enquanto espaço de formação do leitor é uma necessidade crescente posto que, em muito, já se superou a concepção de que a escola fundamental e do ensino médio é a única responsável por esta tarefa. Nos dias atuais, compreendemos que a sociedade demanda da universidade a formação de sujeitos capazes de participar da diversidade de práticas leitoras, tanto daquelas que fazem parte das atividades acadêmicas (pertinentes às áreas do conhecimento), do desempenho profissional, bem como de outros contextos sociodiscursivos, principalmente, no que se refere aos alunos dos cursos de licenciatura, dos quais se espera o desenvolvimento de práticas leitoras quando da sua atuação em escolas dos ensinos fundamental e médio. Esta preocupação está posta nos objetivos gerais do PIBID da UEFS.

Ao considerar a leitura como uma questão que deve ser trabalhada em (por) todas as áreas. Por isso, a realização dos círculos de leitura envolvendo estudantes/bolsistas dos cursos de licenciatura participantes desse Programa Institucional, constituiu-se em momentos significativos de leituras, debates, trocas, nos quais os sujeitos partindo de suas vivências leitoras puderam construir/estabelecer redes de sentidos a partir dos diversos textos trabalhados. Para muitos

---

<sup>1</sup> Universidade Estadual de Feira de Santana. Feira de Santana, Bahia, Brasil. E-mail: [carlaluziacb@gmail.com](mailto:carlaluziacb@gmail.com).

<sup>2</sup> Universidade Estadual de Feira de Santana. Feira de Santana, Bahia, Brasil. E-mail: [sonicoutinho@gmail.com](mailto:sonicoutinho@gmail.com).

estudantes, a participação nos círculos foi uma experiência relevante para sua formação enquanto leitores em constituição, assim como para sua atuação nas atividades em sala de aula.

### **Círculos de Leitura: espaço dialógico**

Para Bakhtin, “a língua existe não por si mesma, mas somente em conjunção com a estrutura individual de uma enunciação concreta. É apenas através da enunciação que a língua toma contato com a comunicação, imbuí-se do seu poder vital e torna-se uma realidade. (...)” (BAKHTIN, 2004 [1999], p. 154). O texto, então, seria essa construção enunciativa concreta, situada e em constante diálogo com a realidade. Nesse caso, os textos parecem ganhar, juntamente com a modernidade, uma fluidez (BAUMAN, 2001) necessária às práticas humanas também diversas e fluidas. A concepção de texto/leitura em rede – pressupõe uma relação constitutiva entre gêneros discursivos, esferas de comunicação (escolares e não-escolares) e os sujeitos (BAKHTIN, 1992).

A discussão de Bakhtin acerca dos gêneros discursivos também reforça que o texto se faz presente e se constitui socialmente e tem uma natureza de transitar por espaços diferenciados. “Todas as esferas da atividade humana, por mais variadas que sejam, estão sempre relacionadas com a utilização da língua.” (BAKHTIN, 1997, p. 279). Essa é a base da noção de gêneros trazida pelo autor e tem impacto sobre a noção de texto em sua natureza dialógica, multifacetada, heterogênea, pois os gêneros são “tipos relativamente estáveis de enunciados”. É sobre essa concepção que o autor enfatiza a variedade dos gêneros, ainda que se limite aos gêneros orais e escritos. Atualmente, outros gêneros, em outras modalidades de linguagem, estão sendo evidenciados, vinculados a questões acadêmicas, políticas e/ou educacionais.

O objetivo do trabalho é, portanto, apresentar a realização de círculos de leitura enquanto metodologia que proporciona um espaço dialógico no qual os sujeitos (bolsistas do pibid) têm a possibilidade de estabelecer relações entre as suas diversas práticas de multiletramentos. Tomamos os Círculos de leitura como lugar no qual os sujeitos (estudantes bolsistas do PIBID) se posicionam, a partir de práticas sociais de linguagem (STREET, 2014).

Quanto ao conceito de multiletramentos, destacamos a visão de Rojo:

(...) O conceito de multiletramentos – é bom enfatizar – aponta para dois tipos específicos e importantes de multiplicidade presentes em nossas sociedades, principalmente urbanas, na contemporaneidade: a multiplicidade cultural das populações e a multiplicidade semiótica de constituição dos textos por meio dos quais ela se informa e se comunica” (Rojo, 2012, p. 13).

Entre as referidas multiplicidades, o círculo de leitura se coloca como sendo uma metodologia diferenciada que, ao mesmo tempo, possibilita o diálogo com os diversos gêneros e constitui-se num espaço para construção de um conhecimento acerca da prática cultural com leitura e escrita. A autora destaca a importância de se pensar nessa grande malha textual, que se compõe de textos, usando uma metáfora que traduz bem essa teia social de produção dos gêneros. Segundo Rojo, “o melhor lugar para eles existirem é “nas nuvens” e a melhor maneira de se apresentarem é na estrutura ou formato de redes (hipertextos, hipermídias)” (ROJO, 2012, p. 23). É possível defender, então, o espaço social em si como hipertextual: do cotidiano para a multiplicidade cultural e semiótica.

O problema que se coloca a partir dessa realidade é: *Se, como argumentamos, existem múltiplos letramentos, como foi que uma variedade particular veio a ser considerada como o único letramento?*” (STREET, 2014, p. 121). Essa questão é essencial para compreendermos a dinâmica das relações sociais e o papel da escola nessa grande teia:

- como pensar uma sequência de atividades para sala de aula que parta dessa realidade híbrida, tomando as práticas textuais e seus diversos gêneros e culturas em movimento nas diversas esferas de atuação do homem?
- que elementos da diversidade semiótica podem ser mobilizadores da constituição da autoria, das seleções de leitura e de produção de textos na sala de aula?

A proposta de nossa oficina foi possibilitar, portanto, o acesso a coleções de leituras diversas em estética e em funções sociais, ao mesmo tempo que abordassem questões relativas ao contexto da escola e ao tratamento dos multiletramentos na formação de professores em iniciação à docência. Essa abordagem, pretendeu pensar os gêneros nessa dinâmica, a partir da pedagogia de multiletramentos (STREET, 2014), voltada para a formação de professores (bolsistas do PIBID).

### **Os círculos de leitura em três momentos**

Os círculos de leitura aconteceram em três dias, cada um configurando-se num momento específico, envolvendo temas e gêneros que dariam conta de uma prática de formação de estudantes em iniciação à docência, com base na pedagogia dos multiletramentos. Foram temas trabalhados na oficina: eu e o outro no mundo e cenas de sala de aula. Para isso, os gêneros trabalhados foram poema, conto, tiras e filme, autorretrato, relato e debate. A escolha dos gêneros permitiu tratar o tema de modo transversal, evidenciando a ideia do texto em rede. Os textos selecionados para esse primeiro momento foram:

1. Poema *Quando olho para mim não me percebo* – Álvaro de Campos
2. *Conto de escola* – Machado de Assis
3. Tiras de *Calvin* - Bill Watterson
4. Tiras de *Mafalda* – Quino
5. Filme *Entre os muros da escola* – Laurent Cantet, 2008

Cada leitura foi muito importante para dar conta da multiplicidade de gêneros, ao tempo que contemplava o tema definido e cumpria uma função de mobilizar os estudantes para a prática de sala de aula e para análise do texto em rede na sociedade em geral. Quanto aos momentos, foram assim desenvolvidos:

#### **Momento 1**

- socialização das expectativas com a oficina;
- leitura de poema de Fernando Pessoa (heterônimo Álvaro de Campos) – quando olho para mim, não me percebo
- discussão do poema/produção de um auto-retrato
- socialização da produção
- leitura do conto de escola, de Machado de Assis
- discussão

#### **Momento 2**

- relato escrito das práticas de letramento, nas diversas esferas de comunicação dos participantes da oficina/socialização do relato

- leitura de tirinhas de Mafalda e de Calvin (três tiras de cada)
- discussão (a discussão ocorreu a cada leitura – total de 6 tiras)

### **Momento 3**

- exibição do filme Entre os muros da escola
- discussão do filme
- avaliação da oficina

Nos Círculos de Leitura, primeiro momento, realizado a partir da leitura do poema “Quando olho para mim não me percebo”, de Álvaro de Campos (heterônimo de Fernando Pessoa); e da discussão/produção de autorretrato: 1) as participantes comentaram o texto de Álvaro de Campos. Uma delas relacionou com uma leitura feita em aula de teoria de literatura sobre Fernando Pessoa, segunda a qual o poeta declara que quando escrevia como Álvaro de Campos estava “sonolento e com preguiça”; 2) outra comenta propaganda do canal Futura (o que move o mundo são as perguntas...) pra falar da importância de se fazer perguntas, o que significa curiosidade sobre o mundo, estar em busca de saber algo, pra justificar o poeta “não saber” o que quer; outra fala da função da arte, do papel de fazer as pessoas pensarem sobre a vida (movimento da escrita para o cotidiano). A discussão levou à produção de um autorretrato. Cada aluno escreveu sobre si a partir do lugar de estudante que atua no PIBID. Uma participante declarou que faria um poema dada (remissão a leituras de movimentos artísticos).

No momento de leitura do conto de escola/discussão, ocorreu o seguinte: uma participante relacionou ao contexto político brasileiro atual, citando a delação premiada; discussão sobre a relação de poder na escola: a posição que o professor e o estudante ocupam; os saberes/as interdições; as “barganhas” pra ter “sucesso” na escola; relação com vivências pessoais enquanto estudantes do ensino fundamental e médio;

- referência a outros textos lidos sobre história da educação no Brasil em outras disciplinas do curso;
- confronto da realidade escolar com as novas propostas de intervenção do PIBID, mais colaborativas/dialógicas, as quais priorizam a comunicação entre saberes na escola e fora dela.

### **Considerações sobre a prática com multiletramentos nos Círculos de Leitura**

Reconhecemos alguns pontos bastante positivos dessas oficinas. A oportunidade de leitura de textos em suas múltiplas semioses pelos estudantes em formação foi muito proveitosa e os inseriu numa perspectiva diferenciada. O relato das várias práticas de letramento a partir das diversas coleções de leitura dos estudantes. Outro ponto importante foi a identificação de aspectos estéticos e culturais dos gêneros trabalhados, também as leituras em sequência, cada uma com seu tempo de interpretação/compreensão. A cada leitura de novo gênero, há recorrência ao já lido antes.

No momento 3, discussão do filme, foram retomadas questões discutidas desde o primeiro momento: o texto vai sendo lido em rede, observando como o tema é tratado e que vínculos ideológicos e culturais são construídos e como a estrutura define ou não o gênero.

As seleções vão sendo tratadas como práticas constitutivas do estilo e, conseqüentemente da autoria. As participantes depõem que os círculos possibilitam que se posicionem diante dos saberes apresentados, defendendo a importância desta metodologia para sua formação.

Os sujeitos fazem seleções de gêneros conforme sua cultura, seu estilo. E sendo estes elementos caracterizados pela diversidade, é de grande importância a abordagem dos multiletramentos na escola.

### **Referências**

BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

ROJO, Roxane, MOURA, Eduardo (Org.). **Multiletramentos na escola**. São Paulo: Parábola Editorial, 2012.

STREET, B. **Letramentos sociais: abordagens críticas do letramento no desenvolvimento, na etnografia e na educação**. Trad. Marcos Bagno. 1. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2014.